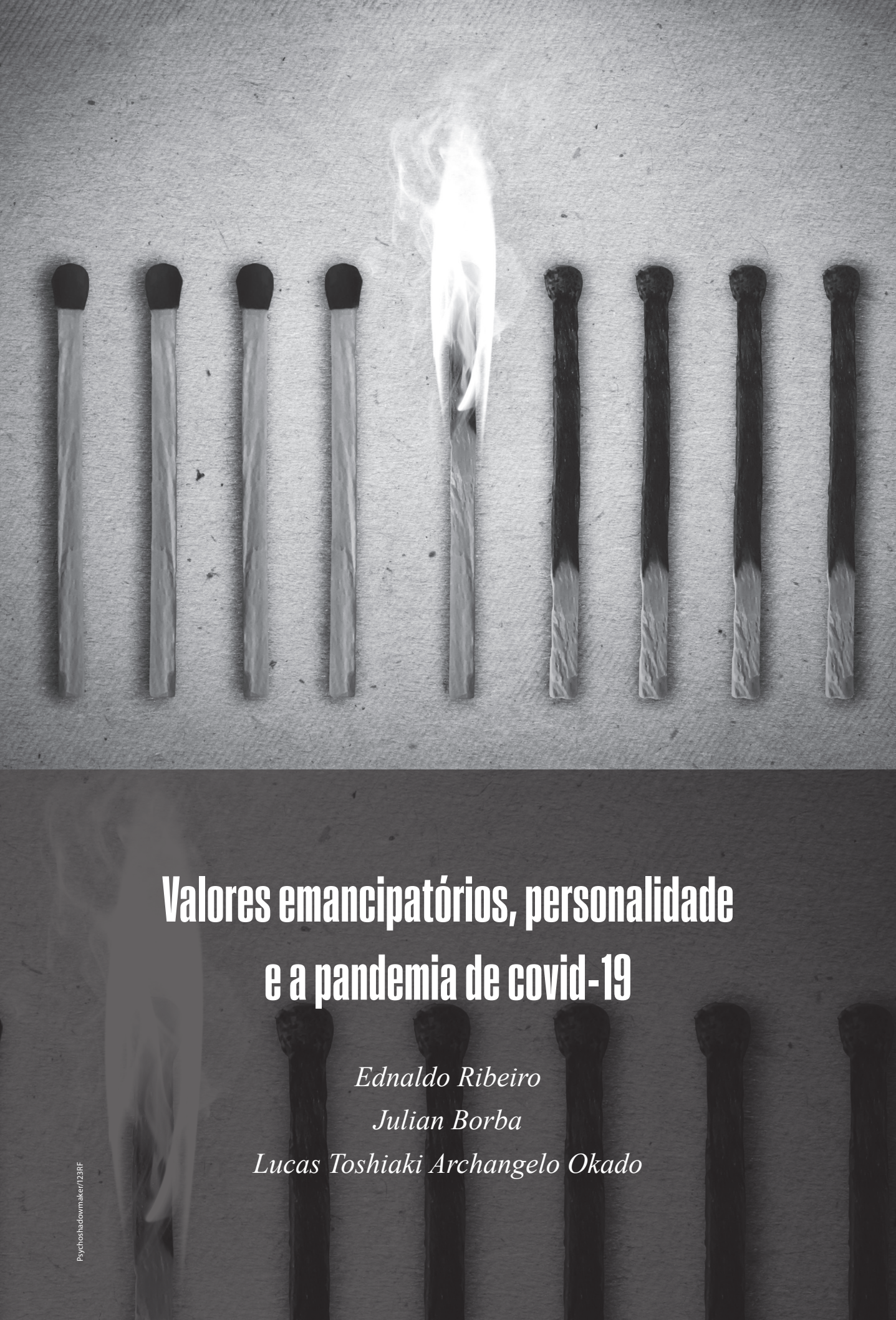


Valores emancipatórios, personalidade e a pandemia de covid-19

Ednaldo Ribeiro

Julian Borba

Lucas Toshiaki Archangelo Okado

Psychoshadowmaker/123RF

resumo

O artigo analisa os impactos da pandemia de covid-19 sobre as prioridades valorativas individuais e societais dos brasileiros. Analisamos também, com base na *Big Five Theory*, como as diferenças individuais em termos de personalidade desempenham papel importante na forma como as pessoas lidam com mudanças. Os resultados indicam que a situação de pandemia não provocou alterações substanciais nos valores emancipatórios dos brasileiros. Além disso, verifica-se que o apoio a tais valores é determinado sobretudo pela posse de recursos como escolarização e renda, mas também é impactado por aspectos relacionados aos traços de personalidade.

Palavras-chave: valores sociais; valores políticos; personalidade; covid-19.

abstract

The paper analyzes the impact of the covid-19 pandemic on the individual and societal value priorities of Brazilians. We also analyze, based on the Big Five Theory, how individual differences in terms of personality play an important role in how people deal with change. The results indicate that the pandemic situation did not cause substantial changes in the emancipatory values of Brazilians. Furthermore, it appears that support for such values is mainly determined by the individual resources such as education and income, but it is also impacted by aspects related to personality traits.

Keywords: *social values*; *political values*; *personality*; *covid-19*.

Psychoshadowmaker/123RF

Para além da tragédia dos milhões de vidas perdidas na pandemia de covid-19, esse evento global tem provocado alterações profundas na forma como cidadãos de diferentes países e culturas vivem suas vidas nesses dois últimos anos. As estratégias de contenção da contaminação geram isolamento social, crise econômica e grande incerteza para todos os atores sociais (Bavel et al., 2020), com graves consequências já documentadas sobre indicadores de saúde mental (Giallonardo et al., 2020). Começam a ser estimados também os seus efeitos sobre comportamentos (Baccini, Brodeur & Weymouth, 2021; Landman & Splendore, 2020) e atitudes políticas (Gadarian, Goodman & Pepinsky, 2021; Grossman et al., 2020).

Pretendemos contribuir para essa agenda investigando os impactos da pandemia no contexto brasileiro, que se destaca negativamente pelo descontrole da doença, sobre o que se convencionou chamar, desde a inauguração da agenda de pesquisas sobre mudança de valores por R. Inglehart na década de 1970, de prioridades valorativas individuais e societais (Inglehart, 1971). Com um volume de evidências empíricas considerável, ao longo desses anos a tese de uma mudança consistente nas prioridades valorativas tem sido corroborada, com impactos já confirmados sobre um amplo leque de fenômenos políticos, como a igualdade entre gêneros, reconhecimento de direitos de minorias e a própria consolidação de regimes democráticos (Inglehart & Welzel, 2005; Inglehart & Norris, 2011).

EDNALDO RIBEIRO é professor associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

JULIAN BORBA é professor associado do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

LUCAS TOSHIAKI ARCHANGELO OKADO é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Os recentes estudos sobre valores emancipatórios de C. Welzel renovaram essa agenda combinando valorização da liberdade individual e solidariedade em relação às liberdades dos outros (Welzel, 2013). A prevalência desses valores está ligada, como no modelo de Inglehart, às condições materiais de existência. O empoderamento existencial possibilita a efetivação da escolha e, consequentemente, conduz à sua valorização da liberdade (empoderamento psicológico). Isso pressiona as instituições por mais garantias para o exercício da autonomia.

Na tese de Inglehart e também na versão de Welzel, a incorporação de novos valores ocorre por meio de mudanças geracionais, caracterizando-se como um processo de longa duração. Entretanto, efeitos de curta duração produzidos por eventos conjunturais são possíveis quando os indivíduos vivenciam situações traumáticas, como a pandemia que agora vivenciamos.

O primeiro objetivo do artigo é testar essa hipótese dos efeitos de eventos coletivos traumáticos sobre os valores emancipatórios no contexto brasileiro usando os dados das duas ondas iniciais do painel "Valores em Crise", uma parceria entre a World Values Survey Association e o Instituto Sivis. Procuramos verificar se as alterações sociais e econômicas provocadas em curto período pela pandemia de covid-19 impactaram de alguma forma os valores emancipatórios entre os brasileiros.

Como teorias psicológicas sobre adaptações em tempos de crises têm indicado que diferenças individuais, como traços de personalidade, desempenham papel importante na forma como as pessoas lidam com mudanças (Bliese, Adler & Flynn, 2017; Morgeson, Mitchell & Liu, 2015), nosso segundo objetivo é testar hipóteses de efeitos distintos provocados pela experiência pandêmica nos valores sociais e políticos de pessoas com diferentes composições de personalidade. Utilizando a perspectiva *Big Five* (McCrae & Costa, 2012), nos interessa identificar, portanto, o quanto traços de personalidade modulam os efeitos desse evento sobre os valores emancipatórios.

Os resultados indicam que a situação de pandemia não provocou alterações substanciais nos valores emancipatórios dos brasileiros. Além disso, verifica-se que o apoio a tais valores é determinado sobretudo pela posse de recursos como escolarização e renda, mas também é impactado por aspectos relacionados aos traços de personalidade. Mesmo diante da estabilidade dos valores, traços como a Abertura à Experiência e Estabilidade Emocional se mostraram moderadores importantes entre as duas ondas do painel.

VALORES EMANCIPATÓRIOS E PANDEMIA

A agenda de pesquisa sobre mudança de valores começa a partir da constatação de Ronald Inglehart sobre uma revolução silenciosa ocorrida principalmente em sociedades industriais avançadas após a Segunda Guerra Mundial (Inglehart, 1977). A partir de dados colhidos majoritariamente na Europa, esse pesquisador observou uma alteração nas prioridades valorativas dos indivíduos desses países, passando de materialistas, com ênfase na seguridade física e sobrevivência imediata, para um conjunto de crenças e atitudes denominado, na época, pós-burguês, que coloca como prioridades a liberdade e a autonomia.

Esses dados confirmavam duas hipóteses que, combinadas, explicam a dinâmica intergeracional da mudança nas prioridades valorativas (Inglehart & Welzel, 2005). A hipótese da escassez, inspirada pela teoria da hierarquia das prioridades de Maslow (1954), afirma que as pessoas organizam as suas ações a partir de uma estrutura hierárquica de necessidades que se inicia com questões fisiológicas, como comida e água, passa por aspectos de segurança, segue para necessidades de pertencimento, estima e, por fim, a autorrealização. A hipótese da socialização, por sua vez, afirma que as crenças e atitudes adquiridas pelos indivíduos durante as duas primeiras décadas de vida se cristalizam e se manifestam de forma residual ao longo do tempo (Sears, 1975). Mesmo que ocorram mudanças significativas no seu padrão de vida, os valores incorporados durante a sua socialização primária irão se orientar para uma postura materialista, que prioriza a segurança física. À medida que este ambiente de socialização passa da escassez para a abundância material e há a percepção disseminada do sentimento de segurança física, as prioridades valorativas se deslocam em direção à liberdade, autoexpressão e autonomia. Como esse processo ocorre durante o período de socialização, tais mudanças ocorrem por meio de mudanças geracionais (Inglehart, 1990).

Ao revisitar a teoria da modernização (Lipset, 1959; Przeworski & Limongi, 1997; Inglehart & Welzel, 2005), os autores incorporam as teses da mudança de valores e propõem que, se a modernidade trouxe consigo os valores seculares-racionais, promovendo a secularização da autoridade, a pós-industrialização teria gerado o abandono de valores de sobrevivência e a adoção de valores de autoexpressão, orientados para a autonomia e liberdade, favorecendo a emancipação humana (Inglehart & Welzel, 2005, p. 25). Os valores e crenças promovidos pelo avanço da pós-industrialização são denominados por Inglehart e Welzel (2005) como autoexpressão e a sua disseminação levaria então ao aumento de demandas por democratização, autonomia, liberdade e responsividade.

A partir deste *framework* teórico, os autores estabelecem uma relação causal entre o desenvolvimento econômico, mudança nas prioridades valorativas e democratização. Usando dados do World Values Survey, Inglehart e Welzel encontram evidências que corroboram os principais pontos desta tese. Ao controlar o desenvolvimento econômico, espraiamento de valores de autoexpressão e a qualidade da democracia, observaram que a dimensão cultural do desenvolvimento humano mediaria a relação entre economia e democracia.

Welzel (2013) procura avançar ao propor uma reformulação dessa teoria, tendo como preocupação principal a relação entre valores e os processos de democratização. Sua proposta traz contribuições em dois caminhos distintos. O primeiro repensa as causas da mudança valorativa e abandona as hipóteses da escassez e da socialização como motor desse processo, incorporando principalmente os conceitos de funcionamentos e capacidades de Amartya Sen (1999). Para este economista, funcionamentos são o ser e o agir derivados da escolha e as capacidades dizem respeito às condições objetivas para a sua concretização.

Quando realiza um funcionamento, o indivíduo gera bem-estar subjetivo (Sen, 1999).

Na medida em que estas ações ou estados se acumulam, a escolha passa a ganhar utilidade e a ser valorizada. Dessa forma, à medida que o valor utilitário da escolha aumenta, há o incremento nas demandas por institucionalização da liberdade, principalmente através das garantias e liberdades asseguradas em lei (Welzel, 2013). Isto é o que Welzel denomina ciclo do empoderamento humano. A abundância de recursos leva à realização de funcionamentos, o que gera bem-estar subjetivo. Como produto desse processo, o indivíduo valoriza cada vez mais a sua capacidade de escolha, demandando das instituições e governos garantias, na forma da lei, que assegurem a sua liberdade.

No entanto, isso não gera um processo determinístico que leva inexoravelmente à democracia, pelo contrário. Se não há a abundância de recursos necessários para a realização de funcionamentos, a liberdade não adquire valor utilitário e, consequentemente, não há demandas pela sua institucionalização, levando à estagnação ou à reversão de direitos e garantias de liberdades individuais.

O empoderamento psicológico – a valorização da escolha – é mensurado pelo Índice de Valores Emancipatórios (IVE), que corresponde à contribuição empírica de Welzel. Seu construto é formado por quatro subíndices que medem *a tolerância, a voz, a igualdade* e *a escolha*[1].

As proposições de Welzel trazem uma mudança significativa para a agenda de estudos sobre esse tema, principalmente em razão do abandono das hipóteses da escassez e da socialização. É importante lembrar que essa última hipótese sustenta que os valores e atitudes são assimilados nas primeiras décadas de vida e que, findado este período, o conjunto de crenças se consolida e se manifesta de forma residual no decorrer da vida (Sears, 1975), o que corresponde à hipótese dos anos impressionáveis (Alwin & Krosnick, 1991; Denemark, Mattes & Niemi, 2016) e sugere um modelo fechado de socialização política.

Modelos abertos de socialização têm sido propostos mais recentemente (Stoker & Jennings, 1995) afirmando que valores e atitudes são influenciados por eventos que vão além da socialização primária. Para Kinder (2006), tais eventos são repositórios de socialização que apresentam novas normas e ideias. Estudo sobre tolerância racial conduzido por Glaser e Gilens (1997) aponta que fatores ambientais influenciam valores e atitudes de migrantes brancos norte-americanos. Em direção semelhante, Inglehart e Welzel (2005) salientam que os valores básicos que orientam o cotidiano das pessoas também são formados a partir das experiências individuais. Nesse sentido, apesar da consolidação dos valores adquiridos nas primeiras décadas de vida, eventos especialmente traumáticos podem exercer efeito relevante. Pesquisas recentes corroboram essa hipótese no que diz respeito ao realinhamento partidário nos Estados Unidos (Osborne, Sears & Valentino, 2011).

Pela dimensão traumática da pandemia de covid-19 no Brasil e seus efeitos sobre a saúde pública, regras de convívio social e a disponibilidade de recursos, severamente afetada pelo agravamento da crise econômica, é que julgamos pertinente investigar

1 Okado e Ribeiro (2017) apontam que o IVE tem um melhor desempenho, tanto na sua consistência interna quanto externa, no contexto da América Latina quando comparado com a medida de pós-materialismo de Inglehart.

seus efeitos de curto prazo sobre as prioridades valorativas individuais nos termos da hipótese abaixo:

H1: Entre as duas ondas do painel ocorre redução no IVE.

PERSONALIDADE E EFEITOS DA PANDEMIA

Teorias psicológicas sobre processos adaptativos têm apontado que diferenças individuais, como os traços de personalidade, exercem papel importante na direção e intensidade das mudanças de atitudes e comportamentos (Bliese, Adler & Flynn, 2017; Morgeson, Mitchell & Liu, 2015).

O Modelo *Big Five* (MBF) (McCrae & Costa, 2012) define personalidade como uma estrutura interna (ou psicológica) multifacetada e durável, fortemente influenciada por fatores biológicos e com potencial influência sobre os comportamentos individuais. A sua natureza multifacetada nos remete ao conceito de fatores de personalidade, que podem ser entendidos como as categorias básicas de diferenciação individual em funcionamento que, em razão da sua natureza observável, normalmente são expressos pelos observadores por meio de adjetivos (Winter, 2003).

Segundo o MBF, a descrição e a compreensão da estrutura da personalidade podem ser realizadas usando-se cinco grandes fatores: Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Sociabilidade e Estabilidade Emocional. Essa perspectiva sintética é resultado de muitas décadas de esforços dedicados à identificação dos traços fundamentais que remontam ao trabalho pioneiro de Allport e Odbert (1936), que compilou aproximadamente 18 mil termos utilizados para se referirem aos traços, passando pelo esforço de redução de dimensionalidade de Cattell (1947) e Tupes e Christal (1992).

A Abertura à Experiência é definida como uma multifacetada dimensão que inclui inteligência, percepção, sensibilidade estética e uma atração intrínseca para novas experiências (McCrae & Costa, 2012). Esse traço tem sido investigado de forma mais recorrente por pesquisadores preocupados com o mundo do trabalho, sendo associado principalmente a comportamentos criativos no exercício das atividades laborais, mas também à baixa lealdade para com as organizações (Moss et al., 2007) e à facilidade de adaptação a atividades produtivas internacionais (Huang, Chi & Lawler, 2005). Essa característica tem também sido associada a comportamentos de risco, como a combinação de álcool e direção, e também ao tabagismo (Booth-Kewley & Vickers, 1994).

A Conscienciosidade, por sua vez, envolveria adjetivos ligados à confiabilidade, tais como "organização", "pontualidade" e "confiável" e alguns autores tendem a incluir também um conteúdo volitivo com termos como "trabalhador" e "perseverante" (Mondak, 2011). De forma previsível, pesquisas identificaram a associação desse traço com alto rendimento e produtividade no trabalho (Dudley et al., 2006). Horn, Nelson e Brannick (2004) encontraram forte ligação entre Conscienciosidade e comportamento honesto em diferentes situações simuladas. No campo da saúde existem evidências de que indivíduos com alta pontuação nesse componente tendem a adotar estilos de vida mais saudáveis (Friedman et al., 1993).

O fator Extroversão é o que possui a mais longa história na psicologia, estando presente já no instrumento de Cattell (1947). Os principais adjetivos utilizados para representar esse componente são "energético", "arrojado", "falante" e, é claro, "extrovertido" (Mondak, 2011). No ambiente de trabalho o traço tem sido associado a forte comprometimento organizacional e tendência à compulsão pelo trabalho (Burke, Matthiesen & Pallesen, 2006). O sucesso profissional em áreas ligadas a vendas e habilidades acadêmicas também tem sido associado a altas pontuações nesse fator (Pulford & Sohal, 2006). No contexto específico da pandemia de covid-19, pesquisas já indicam que alta extroversão está associada a maior estresse psicológico (Folk et al., 2020; Zacher & Rudolph, 2021), principalmente porque indivíduos extrovertidos têm nas medidas de distanciamento social e quarentena um obstáculo às suas necessidades de interação com outras pessoas em uma vida social ativa. O componente da sociabilidade desse traço extrovertido seria particularmente afetado pelo contexto pandêmico, com efeitos importantes sobre escalas de bem-estar subjetivo, quadros depressivos e ansiedade generalizada (Nikčević et al., 2021; Wijngaards, Sisouw de Zilwa & Burger, 2020).

A Sociabilidade, por sua vez, é o fator com menor tradição de pesquisa. Envolve basicamente uma disposição favorável ao estabelecimento de relações interpessoais positivas e os instrumentos utilizados para mensurá-lo normalmente se valem de termos como "caloroso", "amável" e "simpático" (Mondak, 2011). No trabalho, indivíduos com pontuação alta nesse fator tendem a apresentar maior facilidade em atividades em grupo e maior adaptabilidade a novas ocupações (Barrick & Mount, 1991), bem como maior estabilidade na carreira (Laursen, Pulkkinen & Adams, 2002).

A Estabilidade Emocional, por fim, tem sido associada nos atuais instrumentos de mensuração aos adjetivos "calmo", "relaxado", "estável" (Mondak, 2011). Diferentemente do que vimos nos outros fatores, este último não tem apresentado efeitos significativos em fenômenos ligados ao ambiente de trabalho, mas em compensação tem implicações médicas sérias, tais como propensão a altos níveis de estresse, tensão e depressão quando são verificadas baixas pontuações (Bolger & Schilling, 1991). Em trabalhos recentes, esse traço tem se mostrado um importante moderador dos efeitos negativos da pandemia sobre medidas de percepção de ameaça e ansiedade (Lee & Crunk, 2020; Pradhan, Chettri & Maheshwari, 2020). Pessoas mais estáveis emocionalmente também tendem a dedicar maior atenção às informações sobre a pandemia (Kroencke et al., 2020).

O conjunto dessas evidências de efeitos diretos e indiretos nos inspira a formular algumas hipóteses que partem do pressuposto de que os processos adaptativos, no campo das crenças e prioridades valorativas, ocorrem de maneira distinta em razão de diferenças individuais na estrutura da personalidade, portanto, os traços descritos anteriormente operam como moderadores dos efeitos da pandemia sobre os valores emancipatórios.

Seguindo a ordem de apresentação dos componentes, primeiramente propomos que a Abertura à Experiência opere como um redutor dos efeitos negativos da pandemia sobre o IVE, principalmente em razão da sua ligação com a criatividade e capacidade adaptativa (Huang, Chi & Lawler, 2005;

Mondak, 2011). Essa maior adaptabilidade pode fazer com que suas prioridades valorativas não sejam alteradas pelas novas condições de vida impostas pela emergência sanitária. Então,

H2: Elevações na Abertura à Experiência reduzem a diferença negativa no IVE entre as duas ondas do painel.

A ligação da Conscienciosidade com a obediência às regras estabelecidas (Horn, Nelson & Brannick, 2004; Mondak, 2011) nos leva a esperar um efeito potencializador na redução dos valores emancipatórios. A crise nos patamares de segurança física e material reduzidos no contexto pandêmico tende a reforçar entre os que preferem padrões mais rígidos de autoridade (os mais "conscienciosos") a necessidade de ordenamento externo, o que é contrário aos valores emancipatórios. Sendo assim,

H3: Elevações na Conscienciosidade aumentam a diferença negativa no IVE entre as duas ondas do painel.

Apesar de estudos recentes indicarem que pessoas com pontuações elevadas em Extroversão apresentam maior tendência de desenvolvimento de estresse psicológico (Folk et al., 2020; Zacher & Rudolph, 2021) e quadros depressivos durante a atual emergência sanitária, principalmente em razão da sua necessidade de interação e vida social ativa, não vemos razão para esperar efeito significativo desse traço na contenção ou potencialização dos efeitos da pandemia sobre o IVE. Ainda que os mais extrovertidos tenham dificuldade de se adaptarem ao novo contexto de isolamento, não esperamos que isso se converta em mudança na intensidade de adesão aos valores emancipatórios. Dessa forma,

H4: Elevações na Extroversão não afetam a diferença negativa no IVE entre as duas ondas do painel.

A Sociabilidade apresenta características que sugerem tanto efeitos moderadores positivos como negativos, que podem se anular mutuamente. Se, por um lado, a literatura tem associado esse traço ao estabelecimento de relações interpessoais positivas (Mondak, 2011), prejudicadas no contexto da pandemia, por outro, estudos apontam sua ligação à maior adaptabilidade (Barrick & Mount, 1991), o que é uma característica importante em períodos de rápidas mudanças em várias esferas da vida privada e coletiva. Por essa razão, nossa hipótese para esse traço é semelhante à formulada anteriormente, ou seja,

H5: Elevações na Sociabilidade não afetam a diferença negativa no IVE entre as duas ondas do painel.

Por fim, como a Estabilidade Emocional foi apontada como um importante protetor contra o desenvolvimento de percepções de ameaça e quadros de ansiedade (Lee & Crunk, 2020; Pradhan, Chettri & Maheshwari, 2020), esperamos que também opere como fator de estabilização e permanência das prioridades valorativas no curso de crises de curta ou média duração, como no caso da emergência sanitária em curso. Desta forma,

H6: Elevações na Estabilidade Emocional reduzem a diferença negativa no IVE entre as duas ondas do painel.

DADOS E MÉTODOS

O material empírico utilizado nos testes que seguem é proveniente do projeto "Valores em Crise", liderado pelo vice-presidente da World Values Survey Association (WVSA), Christian Welzel (Leuphana University Lueneburg). O objetivo inicial da pesquisa era estudar os valores morais em três momentos: durante a crise do coronavírus (primeira onda), logo após a crise cessar (segunda onda) e aproximadamente um ano após a crise (terceira onda). Obviamente essa expectativa teve que ser reconfigurada em razão da dinâmica da própria pandemia, mas permaneceu a estrutura inicial de um painel com três ondas de sondagens em dezenas de países convidados.

A inclusão do Brasil foi viabilizada pela parceria entre a WVSA e o Instituto Sivis, usando um questionário padronizado de cerca de 20 minutos de duração da entrevista. Até o momento duas etapas já foram concluídas, contando com a participação de 3.543 respondentes na primeira onda, ocorrida em maio de 2020, e 1.929 entrevistados na segunda onda, coletada em janeiro de 2021.

O questionário utilizado contempla uma série de perguntas sobre percepções sobre a crise sanitária, mas também itens sobre atitudes e valores morais, sociais e políticos. Algumas perguntas permitem a composição de uma versão do Índice de Valores Emancipatórios (IVE) que condensa três medidas secundárias que se referem às disposições dos entrevistados em relação a temas ligados à escolha individual, igualdade e voz (Welzel, 2013).

O subíndice relativo à escolha é composto de respostas a uma escala de justificativa da homossexualidade, aborto e divórcio, tendo o seguinte enunciado: "Para cada uma das ações a seguir, por favor, indique se você acha que ela pode ser sempre justificável, nunca justificável ou algo entre estes dois extremos. As escalas utilizadas variam de 1 (nunca justificável) a 10 (sempre justificável), sendo por nós somadas e padronizadas para variar de 0 a 10".

O subíndice da igualdade é composto do grau de concordância dos entrevistados a três afirmações: 1) em geral, os homens formam melhores líderes políticos do que as mulheres; 2) uma educação universitária é mais importante para um menino do que para uma menina; 3) quando os empregos estão escassos, os homens deveriam ter mais direito de conseguir um emprego do que as mulheres. As escalas originais, que variavam de 1 (concordo totalmente) a 4 (discordo totalmente), foram somadas e esse resultado, padronizado para variar também de 0 a 10.

O último subíndice, relativo à voz, depende de perguntas com estrutura mais complexa, pois pressupõe a hierarquização de metas sociais pelos entrevistados a partir de uma lista. O enunciado completo da pergunta é: "As pessoas às vezes falam sobre quais metas este país deveria ter para os próximos dez anos. Abaixo listamos algumas que receberiam prioridade máxima por diferentes pessoas. Por favor, indique qual a ordem de importância de cada uma delas, sendo 1 a mais importante e 4 a menos importante". Os itens a serem hierarquizados são os que seguem: 1) manter a ordem na nação; 2) dar mais voz às pessoas na política; 3) combater a inflação; 4) proteger a liberdade de expressão. Os valores das prioridades atribuídas aos itens 2 e 4 foram invertidos e depois somados para formar o subíndice voz. Este procedimento gerou uma variável com ampli-

QUADRO 1

Itens para mensuração dos traços de personalidade

Traço	Item	Valência
Abertura à Experiência	Tem uma imaginação ativa. Tem poucos interesses artísticos.	+ -
Conscienciosidade	Faz um trabalho minucioso. Tende a ser preguiçoso(a).	+ -
Extroversão	É extrovertido(a) e sociável. É reservado(a).	+ -
Sociabilidade	É, geralmente, confiante. Tende a encontrar defeitos nos outros.	+ -
Estabilidade Emocional	É descontraído(a) e lida bem com o estresse. Fica nervoso(a) facilmente.	+ -

Fonte: Projeto "Valores em Crise" – Sivis/WVSA

tude de 2 a 8, que foi padronizada em uma medida com amplitude de 1 a 10.

Finalmente, essas três medidas foram somadas, sendo o resultado novamente padronizado para a escala de 0 a 10, compondo nossa variável dependente principal, o IVE[2].

O questionário também apresenta uma versão curta de dez itens (Quadro 1) para medir os traços de personalidade seguindo o MBF (McCrae & Costa, 2012), precedidos pelo seguinte enunciado: "Por favor, indique quão bem cada uma das sentenças a seguir descreve a sua personalidade".

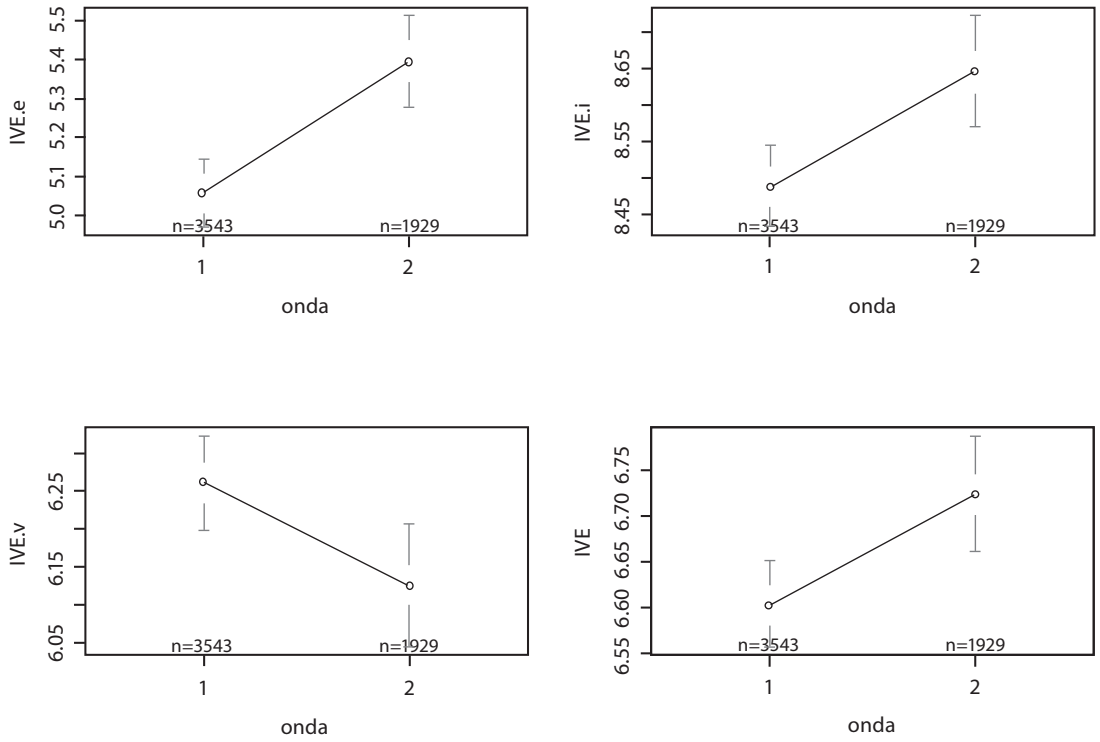
Para cada um dos itens os entrevistados foram convidados a se posicionarem em uma escala de 5 pontos, na qual 1 equivale a "discorda fortemente" e 5 corresponde a "concorda fortemente". Os itens com valências negativas tiveram suas escalas invertidas e, posteriormente, foram somados ao item positivo do mesmo traço. Finalmente, o resultado desse somatório foi padronizado para variar na escala de 0 a 10.

Combinamos técnicas descritivas e multivariadas para testar as hipóteses apresentadas nas seções anteriores. Inicialmente utilizamos gráficos de médias para verificar a existência de heterogeneidade no nível individual entre as duas ondas coletadas até agora pelo painel (Wooldridge, 2011). Na sequência empregamos modelos de regressão lineares OLS (Wooldridge, 2020) para estimar os efeitos dos traços de personalidade e também de controles apontados pela literatura como relevantes para a adesão aos valores emancipatórios (educação, renda e nível de associativismo) (Welzel, 2013) em cada uma das ondas. Por fim, propomos modelos de regressão de painel com efeitos fixos para dados de painéis (Hsiao, 2014) para estimar os impactos de avanços nas escalas dos traços sobre a mudança no IVE entre as duas ondas usando o pacote PLM para R (Croissant & Millo, 2008).

2 As rotinas para composição dos índices, variáveis e análises podem ser solicitadas aos autores.

GRÁFICO 1

Heterogeneidade do IVE e subíndices entre as ondas



Fonte: Projeto "Valores em Crise" - Sivis/WVSA

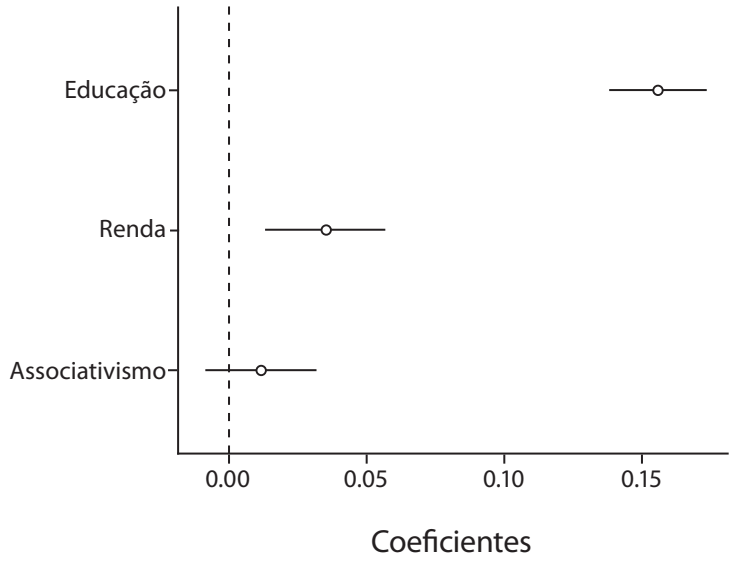
RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Gráfico 1 indica estabilidade nos subíndices e também no IVE entre as duas ondas. Apenas no caso da medida de "escolha" (IVEe) a diferença ultrapassa os limites do intervalo de confiança de 95%, mas ainda assim a mudança é de apenas 0,33 ponto. Dessa forma, nossa primeira hipótese não é corroborada pelas informações coletadas até o presente momento. Uma das possíveis explicações para os resultados pode estar relacionada aos efeitos do Programa de Auxílio Emergencial (PAE) sobre a renda dos brasileiros. No ano de 2020, o número de beneficiados por programas de transferências de renda do governo federal passou de 20,57 para 85,29 milhões de pessoas, equivalente a mais de 45% da população[3]. Desses beneficiados, mais de 65 milhões receberam o auxílio emergencial. O valor total investido em programas de assistência passou de pouco mais de 8 bilhões de reais para mais de 162 bilhões em 2020. Estudos indicam que os rendimentos das famílias

3 Ver: https://www.poder360.com.br/economia/numero-de-beneficiarios-de-programas-do-governo-quadruplicou-em-2020/.

GRÁFICO 2

Efeitos de renda, associativismo e educação sobre o IVE



Fonte: Projeto "Valores em Crise" – Sivis/WVSA (Modelo OLS)

mais vulneráveis aumentaram em mais de 20% no ano, se comparados aos seus rendimentos habituais[4]. Considerando tais dados, é possível apontar que, apesar de a pandemia ter ampliado o cenário de uma crise econômica preexistente, seus efeitos sobre a renda média dos brasileiros foram contrabalançados pela ampliação dos gastos públicos através do PAE.

O Gráfico 2 corrobora esse argumento ao confirmar a relevância da educação e da renda como preditores desses valores (Welzel, 2013b).

A visualização da evolução dessas duas variáveis entre as ondas indica também tendência de estabilidade, ainda que com ligeira elevação, que em parte pode se dever à permanência na segunda onda de pessoas com maior escolaridade (média de 5,03 para 5,74) e renda (média de 3,57 para 4,09). Se há estabilidade entre esses dois fatores apontados como relevantes para a adesão aos valores emancipatórios, é compreensível a manutenção na média de IVE nesse curto espaço de tempo entre as duas ondas do *survey*.

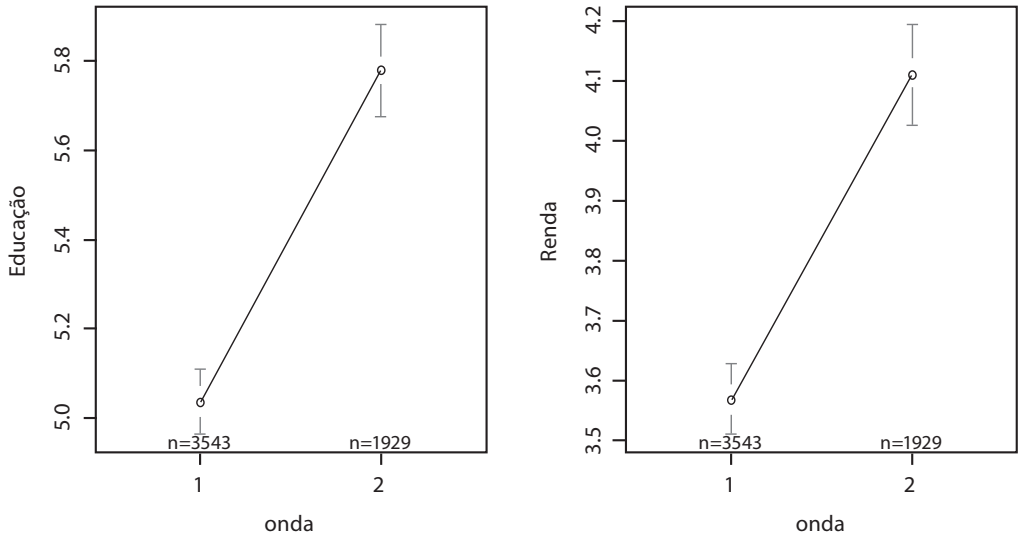
A ausência de mudanças significativas, todavia, não impede a continuidade dos testes envolvendo os traços de personalidade, já que essa tendência de estabilidade pode não se verificar de forma uniforme entre a população. Antes, porém, é importante apontar que, sem levar em consideração a distinção entre as ondas, a maioria dos traços afeta de forma significativa o IVE, com exceção da Extroversão.

Começando pela Abertura à Experiência, os dados indicam efeito positivo, confirmando

4 Ver: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/auxilio-emergencial-amplia-renda-media-entre-domicilios-mais-pobres-do-pais.

GRÁFICO 3

Heterogeneidade da educação e renda entre as ondas



Fonte: Projeto "Valores em Crise" - Sivis/WVSA

que as características pessoais de adaptabilidade e convivência com o risco possuem afinidades eletivas com valores que estão relacionados a certo "progressismo social".

Com relação à Conscienciosidade, os efeitos são negativos. Conforme mencionado anteriormente, este atributo de personalidade está ligado à obediência às regras e normas sociais (Horn, Nelson & Brannick, 2004; Mondak, 2011) que, numa sociedade marcada por forte herança de autoritarismo e desigualdade, como a brasileira, se manifestam em normas que valorizam a hierarquia social, a não aceitação das minorias e a valorização da autoridade estatal. Os componentes do IVE são claramente antagônicos a tais visões de mundo e normas sociais delas derivadas, fazendo com que aqueles com características de Conscienciosidade se oponham a tais valores.

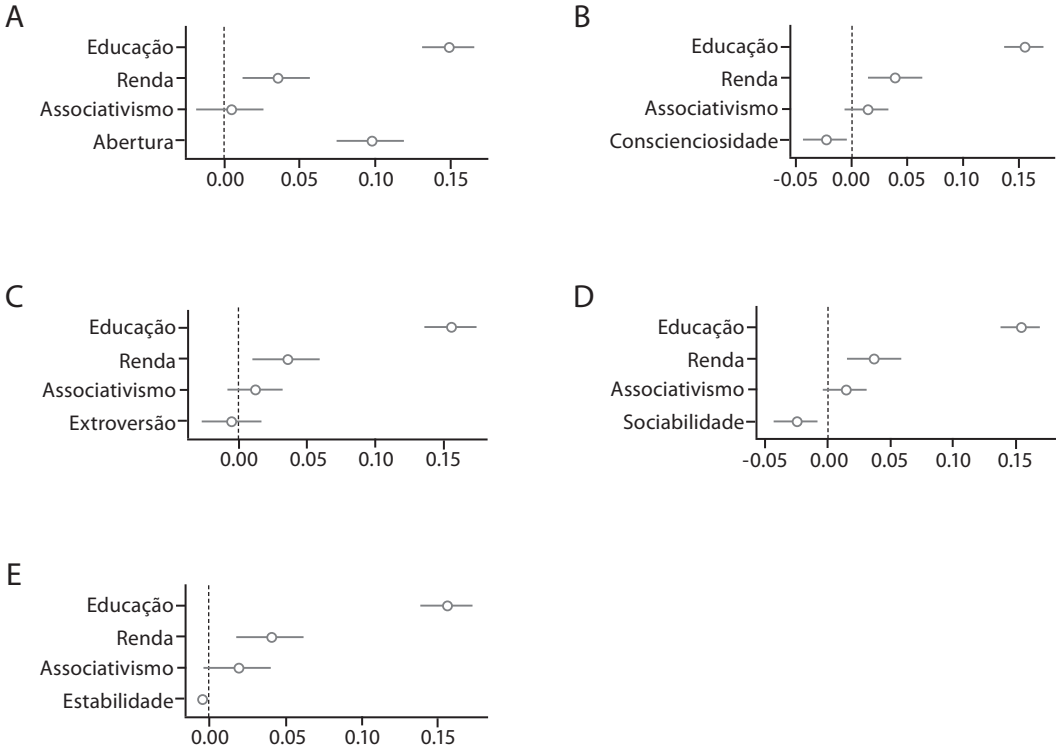
A ausência de efeito para Extroversão surpreende, pois a sua ligação com os componentes do IVE é evidente. Os adjetivos utilizados para representar esse traço ("energético", "arrojado", "falante") parecem oferecer bases importantes para aceitação de uma sociedade fundada em valores como a *voz*.

Os efeitos negativos da Sociabilidade e da Estabilidade Emocional também nos parecem contraintuitivos, pois indivíduos portadores desses traços tenderiam, em tese, a possuir valores mais compatíveis com as concepções de *tolerância*, *voz*, *igualdade* e *escolha*, de modo que não temos uma resposta imediata para tais resultados.

A Tabela 1 apresenta resultados de cinco modelos de regressão, cada um incluindo como preditor a escala de 10 pontos de um traço. Esses modelos estimam os efeitos de um avanço na escala dos preditores sobre a mudança na variável dependente entre as

GRÁFICO 4

Efeitos dos traços de personalidade sobre o IVE



Fonte: Projeto "Valores em Crise" - Sivis/WVSA(Modelo OLS)

ondas 1 e 2 do *survey* e indicam significância estatística para três deles.

O modelo contendo o traço de Abertura à Experiência confirma a tendência sugerida pela H2 de efeito atenuante sobre a esperada redução na medida de valores emancipatórios. Como essa redução não se confirmou, o efeito desse traço passou a ser positivo, ou seja, entre as duas ondas do painel elevações na sua escala produziram melhorias no IVE. A documentada capacidade de adaptação, desejo por inovação e vida intelectual ativa associada a esse traço (Mondak, 2011), que explicam o seu efeito positivo sobre o IVE sem considerarmos o lapso temporal entre as ondas, também se mostraram relevantes nesse contexto de mudanças bruscas nas regras sociais.

No caso da Conscienciosidade, nossa expectativa formulada na H3 foi refutada, já que, ao invés do efeito deletério esperado no cenário de redução dos valores emancipatórios, constatamos impacto positivo. É importante destacar que esse traço apresentou efeito negativo sobre o IVE no modelo que desconsidera a distinção entre as ondas, o que é compatível com os estudos que o associam à predileção a padrões mais rígidos de autoridade e obediência às normas sociais (Horn, Nelson & Brannick, 2004). O contexto pandêmico, todavia, parece afetar a natureza dessa relação. A explicação

TABELA 1

Efeitos fixos dos traços de personalidade sobre a heterogeneidade do IVE entre as ondas

Traço de personalidade	Beta (erro padrão)
Abertura	0,04 ** (0,01)
Conscienciosidade	0,03 * (0,02)
Extroversão	-0,01 (0,02)
Sociabilidade	0,02 (0,01)
Estabilidade	0,04 ** (0,01)

Fonte: Projeto "Valores em Crise" – Sivis/WVSA

que podemos formular é que, considerando o cenário de estabilidade do IVE entre as duas ondas, o efeito positivo identificado na variação deve-se mais a um caráter espúrio dos dados. O uso futuro da terceira onda do *survey* poderá oferecer informações complementares para avaliar esse impacto.

O último traço com efeitos significativos na passagem entre as ondas foi a Estabilidade Emocional, na direção antecipada pela H6, com a óbvia necessidade de adaptação da mesma ao cenário de estabilidade no IVE. A mesma proteção contra o adoecimento psicológico durante a pandemia já documentada pela literatura especializada (Lee & Crunk, 2020) parece se verificar também nesse terreno das atitudes sociais e políticas.

Os modelos que incluem Extroversão e Sociabilidade, conforme antecipamos nas H4 e H5, não indicam efeito estatisticamente significativo de suas respectivas escalas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agenda de pesquisas sobre mudança de valores tem encontrado evidências robustas sobre macroprocessos históricos como as ondas de democratização (Inglehart & Welzel, 2005), ou a emergência do populismo autoritário (Norris & Inglehart, 2018). Menos atenção tem sido dada aos efeitos de eventos concentrados no tempo, como uma catástrofe natural ou de saúde pública sobre tais valores.

No presente trabalho avançamos nessa direção, buscando compreender como se comportam os valores dos brasileiros em dois momentos de uma situação de pandemia. Articulamos tal debate com a literatura sobre personalidade, buscando verificar em que medida os traços definidos no MBF podem fornecer elementos explicativos para o fenômeno.

Uma primeira constatação é de que a situação de pandemia não provocou alterações substanciais nos valores emancipatórios dos brasileiros. Uma possível explicação para tanto é que os impactos sociais e econômicos, que seriam maiores entre aqueles segmentos mais vulneráveis socialmente, foram amenizados pela ampliação do gasto público com o PAE, ocasionando inclusive a elevação dos rendimentos médios das famílias com menor renda (Ipea, 2020).

Independente da variação no tempo, que variáveis explicariam os valores emancipatórios entre os brasileiros? Os dados para o Brasil confirmam que os recursos individuais de renda e escolarização são fatores fundamentais. Indivíduos com maior renda e escolaridade são aqueles com maior aderência a esses valores.

Por outro lado, o estudo indica que, além de tais aspectos ou dimensões objetivas e que remetem à localização dos indivíduos na estrutura social, existem aspectos ligados à estrutura da personalidade com relevância destacada. Os testes indicam que, entre as medidas de personalidade do MBF, a maioria tem efeito sobre o IVE quando considerado em sua dimensão estática (não variando no tempo). Mesmo que tais resultados tenham sido contraintuitivos em três das medidas de personalidade, não deixa de ser relevante a identificação mesma dos efeitos, cujas explicações devem ser buscadas em estudos futuros.

Apesar da estabilidade no IVE no conjunto da amostra, testamos hipóteses sobre eventuais diferenças nessa medida de valores considerando os traços de personalidade e alguns resultados apontam para efeitos relevantes, como o impacto atenuante da Abertura à Experiência e da Estabilidade Emocional. Esses resultados precisam ser discutidos e validados por estudos complementares que lidem com períodos de maior variedade na medida de valores e também com outros contextos, onde, por exemplo, a perda de renda da população não tenha sido contrabalançada por auxílio governamental.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. W.; ODBERT, H. S. "Trait-names: A psycho-lexical study". *Psychological Monographs*, v. 47, n. 1, 1936, pp. i-171.

ALWIN, D. F.; KROSNICK, J. A. "Aging, cohorts, and the stability of sociopolitical orientations over the life span". *American Journal of Sociology*, v. 97, n. 1, 1991, p. 169.

BACCINI, L.; BRODEUR, A.; WEYMOUTH, S. "The covid-19 pandemic and the 2020 US presidential election". *Journal of Population Economics*, v. 34, n. 2, 1º abr. 2021, pp. 739-67.

BARRICK, M. R.; MOUNT, M. K. "The Big Five personality dimensions and job performance: a meta-analysis". *Personnel Psychology*, v. 44, n. 1, 1991, pp. 1-26.

BAVEL, J. J. V. et al. "Using social and behavioural science to support covid-19 pandemic response". *Nature Human Behaviour*, v. 4, n. 5, 1º maio 2020, pp. 460-71.

BLIESE, P. D.; ADLER, A. B.; FLYNN, P. J. "Transition processes: a review and synthesis integrating methods and theory". *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, v. 4, 2017, pp. 263-86.

BOLGER, N.; SCHILLING, E. A. "Personality and the problems of everyday life: the role of neuroticism in exposure and reactivity to daily stressors". *Journal of Personality*, v. 59, n. 3, 1991, pp. 355-86.

BOOTH-KEWLEY, S.; VICKERS, R. R. "Associations between major domains of personality and health behavior". *Journal of Personality*, v. 62, n. 3, 1994, pp. 281-98.

BURKE, R. J.; MATTHIESEN, S. B.; PALLESEN, S. "Personality correlates of workaholism". *Personality and Individual Differences*, v. 40, n. 6, 2006, pp. 1223-33.

CATTELL, R. B. "Confirmation and clarification of primary personality factors". *Psychometrika*, v. 12, n. 3, 1º set. 1947, pp. 197-220.

CROISSANT, Y.; MILLO, G. "Panel Data Econometrics in R: the plm package". *Journal of Statistical Software*, v. 27, n. 2, 2008.

DENEMARK, D.; NIEMI, R. G.; MATTES, R. B. *Growing up democratic does it make a difference?* Boulder, Lynne Rienner, 2016.

DUDLEY, N. M. et al. "A meta-analytic investigation of conscientiousness in the prediction of job performance: examining the intercorrelations and the incremental validity of narrow traits". *The Journal of Applied Psychology*, v. 91, n. 1, jan. 2006, pp. 40-57.

FOLK, D. et al. "Did social connection decline during the first wave of covid-19?: the role of extraversion". *Collabra: Psychology*, v. 6, n. 37, 24 jul. 2020.

FRIEDMAN, H. S. et al. «Does childhood personality predict longevity?". *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 65, n. 1, p. 176-85, 1993.

GADARIAN, S. K.; GOODMAN, S. W.; PEPINSKY, T. B. "Partisanship, health behavior, and policy attitudes in the early stages of the covid-19 pandemic". *Plos One*, v. 16, n. 4, 7 abr. 2021, p. e0249596.

GIALLONARDO, V. et al. "The impact of quarantine and physical distancing following covid-19 on mental health: study protocol of a multicentric italian population trial". *Frontiers in Psychiatry*, v. 11, 5 jun. 2020, p. 533.

GLASER, J. M.; GILENS, M. "Interregional migration and political resocialization: a study of racial attitudes under pressure". *The Public Opinion Quarterly*, v. 61, n. 1, 1997, pp. 72-86.

GROSSMAN, G. et al. "Political partisanship influences behavioral responses to governors'recommendations for covid-19 prevention in the United States". *SSRN Electronic Journal*, 2020.

HORN, J.; NELSON, C. E.; BRANNICK, M. T. "Integrity, conscientiousness, and honesty". *Psychological Reports*, v. 95, n. 1, 1º ago. 2004, pp. 27-38.

HSIAO, C. *Analysis of Panel Data*. 3ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2014.

HUANG, T.-J.; CHI, S.-C.; LAWLER, J. J. "The relationship between expatriates personality traits and their adjustment to international assignments". *The International Journal of Human Resource Management*, v. 16, n. 9, 1º set. 2005, pp. 1656-70.

INGLEHART, R. *The silent revolution: changing values and political styles among western publics*. Princeton, Princeton University Press, 1977.

INGLEHART, R. *Culture shift in advanced industrial society*. Princeton, Princeton University Press, 1990.

INGLEHART, R.; WELZEL, C. *Modernization, cultural change and democracy: the human development sequence*. Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

INGLEHART, R. "The silent revolution in Europe: intergenerational change in post-industrial societies". *The American Political Science Review*, v. 65, n. 4, 1971, pp. 991-1017.

INGLEHART, R.; NORRIS, P. *Rising tide: gender equality and cultural change around the world*. Cambridge, Cambridge University Press, 2011.

KINDER, D. R. "Politics and the life cycle". *Science*, v. 312, n. 5782, 30 jun. 2006, pp. 1905-8.

KROENCKE, L. et al. "Neuroticism and emotional risk during the covid-19 pandemic". *Journal of Research in Personality*, v. 89, 1º dez. 2020.

LANDMAN, T.; SPLENDORE, L. D. G. "Pandemic democracy: elections and covid-19". *Journal of Risk Research*, v. 23, n. 7-8, 2 ago. 2020, pp. 1060-6.

LAURSEN, B.; PULKKINEN, L.; ADAMS, R. "The antecedents and correlates of agreeableness in adulthood". *Developmental Psychology*, v. 38, n. 4, 2002, pp. 591-603.

LEE, S. A.; CRUNK, E. A. "Fear and psychopathology during the covid-19 crisis: neuroticism, hypochondriasis, reassurance-seeking, and coronaphobia as fear factors". *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 6 ago. 2020.

LIPSET, S. "Some social requisites of democracy: economic development and political legitimacy". *American Political Science Review*, v. 53, n. 1, 1959, pp. 69-105.

MASLOW, A. *Motivation and personality*. New York, Harper, 1954.

MCCRAE, R.; COSTA, P. *Personality in adulthood: a five-factor theory perspective*. New York, Guilford Press, 2012.

MONDAK, J. J. *Personality and the foundations of political behavior*. Cambridge, Cambridge University Press, 2011.

MORGESON, F. P.; MITCHELL, T. R.; LIU, D. "Event System Theory: an event-oriented approach to the organizational sciences". *Academy of Management Review*, v. 40, n. 4, 2 fev. 2015, pp. 515-37.

MOSS, S. A. et al. "Maintaining an open mind to closed individuals: the effect of resource availability and leadership style on the association between openness to experience and organizational commitment". *Journal of Research in Personality*, v. 41, n. 2, 2007, pp. 259-75.

NIKČEVIĆ, A. V. et al. "Modelling the contribution of the Big Five personality traits, health anxiety, and covid-19 psychological distress to generalised anxiety and depressive symptoms during the covid-19 pandemic". *Journal of Affective Disorders*, v. 279, 15 jan. 2021, pp. 578-84.

OKADO, L. T. A.; RIBEIRO, E. "Mudança de valores em países latino-americanos: Comparando os índices de pós-materialismo e valores emancipatórios". *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 24, 2017.

OSBORNE, D.; SEARS, D. O.; VALENTINO, N. A. "The end of the solidly democratic south: the impressionable-years hypothesis". *Political Psychology*, v. 32, n. 1, 2011, pp. 81-108.

PRADHAN, M.; CHETTRI, A.; MAHESHWARI, S. "Fear of death in the shadow of covid-19: the mediating role of perceived stress in the relationship between neuroticism and death anxiety". *Death Studies*, 16 out. 2020, pp. 1-5.

PRZEWORSKI, A.; LIMONGI, F. "Modernization: theories and facts". *World Politics*, v. 49, n. 2, 13 jun. 1997, pp. 155-83.

PULFORD, B. D.; SOHAL, H. "The influence of personality on HE students confidence in their academic abilities". *Personality and Individual Differences*, v. 41, n. 8, 2006, pp. 1409-19.

SEARS, David O. "Political socialization", in F. I. Greenstein; N. W. Polsby (orgs.). *Handbook of political science*, vol. 2. Boston, Addison-Wesley, 1975, pp. 93-153.

SEN, A. *Development as a freedom*. New York, Alfred Knopf, 1999.

STOKER, L.; JENNINGS, M. K. "Transitions and political participation: the case of Marriage". *American Political Science Review*, v. 89, n. 2, 1995, pp. 421-33.

TUPES, E. C.; CHRISTAL, R. E. "Recurrent personality factors based on trait ratings". *Journal of Personality*, v. 60, n. 2, 1º jun. 1992, pp. 225-51.

WELZEL, C. *Freedom rising: human empowerment and the quest for emancipation*. Cambridge, Cambridge University Press, 2013.

WIJNGAARDS, I.; SISOUW DE ZILWA, S. C. M.; BURGER, M. J. "Extraversion moderates the relationship between the stringency of covid-19 protective measures and depressive symptoms". *Frontiers in Psychology*, v. 11, 2020, p. 2607.

WINTER, D. G. "Personality and political behavior", in D. Sears; L. Huddy; R. Jervis (orgs.). *Oxford handbook of political psychology*. Oxford, Oxford University Press, 2003, pp. 110-45.

WOOLDRIDGE, J. M. *Econometric analysis of cross section and panel data*. Cambridge, MIT Press, 2011.

WOOLDRIDGE, J. M. *Introductory econometrics: a modern approach*. Boston, Cengage Learning, 2020.

ZACHER, H.; RUDOLPH, C. W. "Big Five traits as predictors of perceived stressfulness of the covid-19 pandemic". *Personality and Individual Differences*, v. 175, 1º jun. 2021.